

102 16/12/88 p.10
YARΦ 785

10-16/12/88

EN

Padeiro alemão atravessa o Atlântico num barco a pedal e aporta no Brasil para ajudar os Yanomamis

FERNANDO AYMORÉ
(De Hamburgo, especial para a REVISTA NACIONAL)

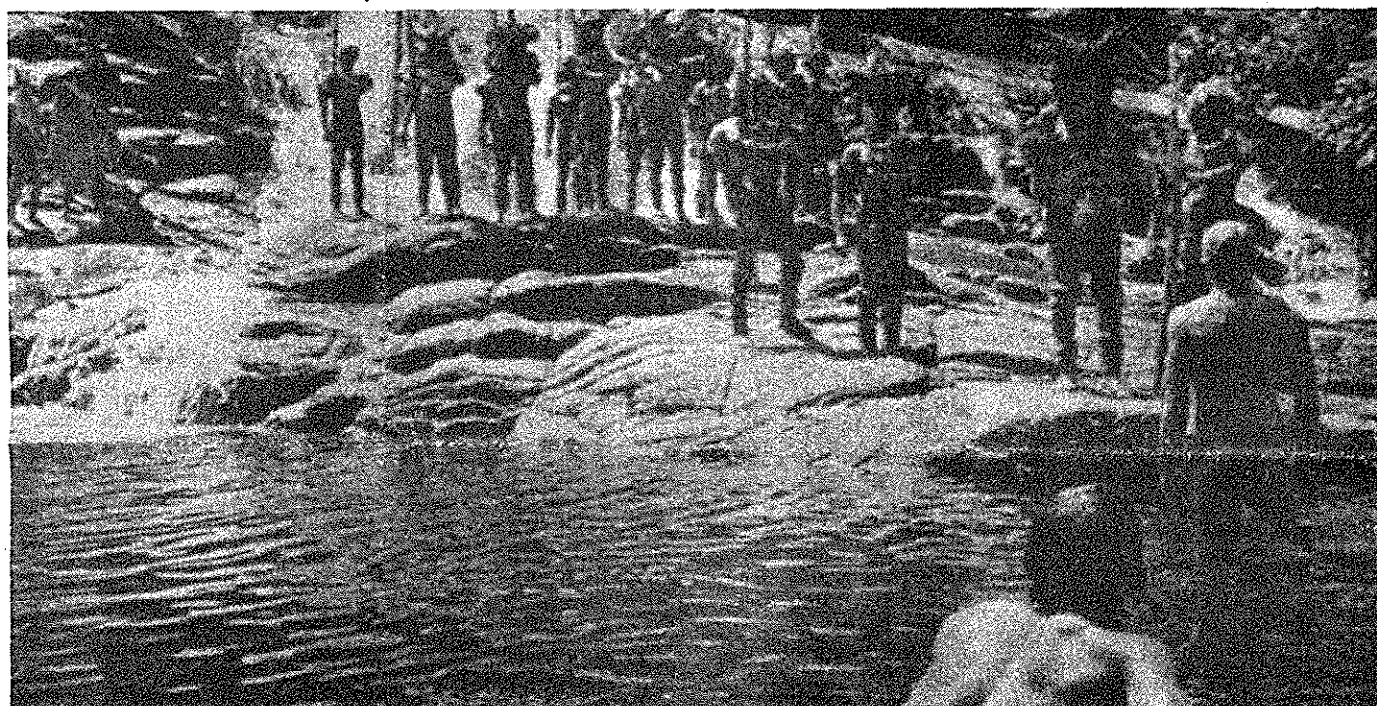


Ações espetaculares nunca têm motivos muito variados. Trata-se na maioria dos casos de sujeitos excêntricos que querem pôr-se à prova na própria capacidade de resistência, decidem-se a quebrar recordes inúteis ou resolvem mudar radicalmente de vida, arriscando a pele pela aventura e declarando guerra ao tédio da sociedade da tecnologia, onde o ser humano já não precisa fazer mais nada para vencer obstáculos. Este não é o caso, no entanto, do dono de padaria alemão Rüdiger Nehberg, que atravessou o Oceano Atlântico num barco a pedal, da costa oeste africana até o norte do Brasil, no final do ano passado.

O padeiro alemão Nehberg, treinado na arte da sobrevivência com o hobby de aventureiro, não quis nada para si próprio (ao menos não diretamente). O objetivo de sua travessia inusitada até o Brasil foi a tentativa de ajudar a tribo amazônica dos Yanomamis, ameaçada de extinção pelo garimpo e por interesses econômicos, como ele mesmo explicou em detalhes nessa entrevista concedida em seu domicílio, na cidade portuária de Hamburgo.

Fernando Aymoré — Rüdiger Nehberg, a travessia do Oceano Atlântico num pedalinho, evidentemente um pouco mais refinado e bem equipado do que aquilo que normalmente se entende por pedalinho, movimentou grande parte da imprensa internacional e, depois de sua chegada ao Brasil, também os grandes representantes da comunicação de massa brasileiros. Qual foi o objetivo dessa ação sensacionalista?

Rüdiger Nehberg — Eu comecei aos 15 anos de idade a lançar-me em aventuras. Percorri, por exemplo, toda a Europa de bicicleta, enfronhei-me na África e na Ásia, sempre em busca de uma compensação e de um sentido maior para a vida. Isso tornou-se depois de um certo tempo um furor expedicionário um belo dia, já faz mais de dez anos, estabeleci pela primeira vez contato com a tribo dos Índios Yanomamis, uma das últimas de fato legítimas tribos de toda a América, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Nessa época já havia a intenção do governo brasileiro de assegurar aos Yanomamis a posse e intocabilidade das terras, por esses serem o último povo indígena original do Brasil. Mais tarde, porém, e a partir do momento em que decidi utilizar meus dotes expedicionários para a causa do meio ambiente, fui informado pela Comissão pela Criação do Parque Yanomami, presidida por uma senhora chamada Cláudia Ambujardi, em São Paulo, que mantém contatos com uma organização equivalente (em princípios) na Ale-



A vida indígena: liberdade e contato direto com a natureza

manha, a Sociedade em Prol dos Povos Ameaçados, que nada havia sido feito concretamente pelo governo. Bem certo que o governo brasileiro enviara o Exército pra cercar e proteger a área, segundo Cláudia Ambujardi, mas os garimpeiros continuavam tendo livre acesso. E os garimpeiros são a grande ameaça para os Yanomamis.

FA — Mas você também é um branco. Como se deu concretamente o convívio com os Yanomamis, uma tribo que a totalidade dos brasileiros no seu próprio país desconhece? E o que você constatou?

Nehb — Há uma lei que vale para qualquer comportamento em território estrangeiro. Quem chega calado e sorrateiro, tem más intenções. Quem chega fazendo barulho, cantando e pulando é amistoso. Na floresta amazônica, eu me comportei como um músico, assobiando e cantando. E música, sejam indígenas, brasileiros, alemães ou qualquer outro povo, urbano ou não, isto todo mundo aprecia. O que constatei foi que os índios estão realmente sendo ameaçados no seu direito de sobreviver na terra que lhes pertence, por missionários, por aldeões e sobretudo por garimpeiros. Em 1979, numa audiência pessoal com o Papa João Paulo II, antecedida de outra ação espetacular de minha parte que mobilizou toda a Itália, a Marcha ao Vaticano, eu fiz um apelo à Igreja Católica para usar seu poder, no Brasil nada pequeno, em favor dos índios. Em 1980, o papa iria ao Brasil. É claro que não deu em nada.

Então eu resolvi atravessar o Atlântico no barco a pedal para chamar a atenção da opinião pública brasileira e internacional para esse problema. Através do espetáculo, tornar o problema público. Meu trajeto inicial era sair de Marrocos até São Luís do Maranhão, por motivos óbvios. Sei que Sarney não pode resolver nada sozinho, mas minha chegada em sua cidade natal constrangeria todo o governo brasileiro, ou ao menos a direção da Funai. Infelizmente eu falhei nesse ponto e cheguei 300 quilômetros ao norte de São Luís, faminto e esgotado, depois de quatro meses de viagem.

FA — Como você vê o seu papel de estrangeiro nessa situação?

Nehb — Atualmente há quase 20.000 garimpeiros no território indígena. O governador do Amazonas, o sindicato dos garimpeiros de Boa Vista e as Forças Armadas tampouco estão interessados na preservação dessa reserva indígena. Sei que, como alemão, não posso chegar ditando regras. Não posso, nem quero, ainda mais por que sei o quanto a Alemanha já perseguiu de minorias sociais em sua história. Não temos que ditar nada e se houvesse uma tribo Yanomami em território alemão, não tenho dúvida que seus problemas não difeririam muito dos problemas enfrentados no Brasil. Mas há, no meu caso, uma relação de forte amizade para com esse povo que não é nem brasileiro, nem alemão, nem ocidental, nem oriental, mas tem o direito de sobreviver. No ano de 1992, a América fará 500 anos de idade. O que haverá



Ajudar a salvar índios como o da foto, o objetivo maior do aventureiro padeiro alemão

para comemorar, quando até o último autóctone, os primeiros donos disso tudo tiverem sido eliminados? Na sociedade brasileira industrial, muita gente tem vergonha de ajudar os índios, "essa gente que anda pelada", como eles dizem, e mal sabem que assim enterram uma parte legítima de sua história soberana. A eliminação dos índios, a venda das riquezas da Amazônia. É isto o que querem os banqueiros e negociantes internacionais. Não me vejo como alemão, estrangeiro, que chega e reclama, mas como amigo direto dos Yanomamis e não me envergonho de sê-lo.

FA — O que fazer com 20.000 garimpeiros sem trabalho?

Nehb — Não se pode obrigar ninguém a desprezar ouro. Além do mais porque o ouro é comprado por firmas estrangeiras e pago em moeda forte. Por isso repito que a responsabilidade pelos índios da Amazônia não é só brasileira, mas mundial. Garimpeiros não são criminosos profissionais, sei disso. São pobres coitados que nada conseguiram nas cidades e tentam por isso a sorte na busca do ouro. Algum dia, os índios serão de uma forma ou de outra engolidos pelo Capital. A História quer assim. Mas não é ético não lhes dar a chance de preparar-se lentamente para tal. Minha proposta é que lhes seja dada a chance à vida e à readaptação numa nova vida. Exterminá-los como bois é crime. Por isso defendo uma transferência do trabalho garimpeiro para áreas já determinadas para o garimpo. Há ouro suficiente em áreas sem tribos originais. E dentro dos próximos 30 a 40 anos se acharia uma solução não violenta para a questão. Sem dúvida, mesmo que Sarney prometa a criação de um parque indígena, um próximo presidente diria que o Brasil precisa de urânio e — pronto — já era. A questão é preservar o máximo de tempo possível para dar chance à vida.

FA — E a questão internacional?

Nehb — Meu próximo objetivo é falar com o presidente do Banco Mundial em Washington, numa ação igualmente sensacional e espetacular. Faço questão de ser utópico, é melhor que não fazer nada e só filosofar. Ao presidente proporei o corte de dívidas brasileiras em troca de oxigênio. Se pensarmos que oxigênio também pode ser mercadoria, o Banco Mundial poderia cortar dívidas brasileiras em troca da preservação de cada vez mais hectares de terra verde, fundamental para a sobrevivência futura de toda a Humanidade. Não fui eu que inventei isso. A Costa Rica já assinou o corte de parte de suas dívidas em troca da garantia e do compromisso de seu governo de não desmatar as reservas naturais. A Alemanha tem um papel importante no Banco Mundial. Em encontros com representantes de bancos alemães, alguns deles credores do Brasil, recebi sinais afirmativos no sentido de aceitar oxigênio, ou seja, a preservação dos pulmões do mundo, como pagamento de créditos. É uma idéia nova, mas que vai tomar corpo num futuro próximo, quando a situação extrema de destruição do meio ambiente tornar a Natureza tema mais importante que a balança de exportações. Atualmente se vende madeira e ouro como mercadoria e, é claro, eu também não deixaria de ganhar dinheiro, se pudesse, com isso; mas é importante reconhecer que também é possível ganhar dinheiro preservando e dizendo: pela preservação de tantos e tantos hectares de floresta, exigimos tanto. Parece brincadeira, mas as florestas na Europa já foram totalmente desmatadas, nos Estados Unidos a situação não é melhor, ou seja, esses países, atualmente credores, precisarão, no futuro de energias que lhes faltam.

FA — Diz-se que o oxigênio e a energia solar serão as energias do futuro.

Nehb — Exato, exato, e nada de rir disso. Na idade média, quando o primeiro chegou dizendo que a riqueza não seria mais a terra e o feudalismo, mas o sistema monetário, todo mundo riu. O que? Papel valendo tudo? E o que temos agora? De que é feito aquilo para que tanto trabalhemos?

FA — Como foi a recepção no Brasil? A reação do presidente Sarney?

Nehb — Não pude entrar no Palácio do Planalto porque não tinha terno e gravata, aí achei solução melhor. Vesti-me de militar. Ninguém me pergun-

tou nada e eu passei direto. Só na antesala do presidente é que fui barrado. Seus secretários me informaram que o presidente considerava minha ação muito democrática e uma realização de grande valor desportista, mas que não seria possível receber-me oficialmente. Dirigi-me então à Funai. Entreguei-lhes minha carta-apelo. Mas isso só foram formalidades. Na verdade, o que eu queria, já havia conquistado: alvoroço. Numa audiência geral, toda a imprensa brasileira — e em horário nobre, como se diz — ajudou-me a tornar os brasileiros um pouco mais conscientes. E minha ação não termina aí. Em breve pretendo vender a padaria e dedicar-me de todo ao meio ambiente. É um bom projeto de aposentadoria para um homem de 50 anos que nunca deixou de ser jovem.

FA — Há apoio nesse sentido?

Nehb — A televisão alemã me ajudará a rodar um filme sobre a questão Yanomami. E o canal ZDF é o maior da Europa.

FA — Você conhece outros territórios indígenas? O Xingu, por exemplo?

Nehb — Sem dúvida, mas no Xingu não há necessidade de ajuda externa. Os índios estão integrados, mesmo nos processos de consciência étnica, entendem-se como povo e podem defender-se sozinhos. Este não é o caso dos Yanomamis. Estes são estruturados completamente fora de nossos padrões. São um povo antigo e original. Meu desejo é na verdade que lhes seja dada a chance de um dia tornar-se como seus companheiros do Xingu. Índios que sabem que são minoria num mundo branco, mas que ainda se impõem de uma maneira ou de outra. Pra o Brasil, a preservação consequente de grupos indígenas não é nada novo. E o Xingu está aí para provar. Não se deve isolar os índios totalmente como num zoológico, pelo contrário, deve-se prepará-los para a evolução irrefreável do chamado processo civilizatório. Mas judicialmente, os índios ainda "selvagens" têm pleno e total direito de ser vistos como proprietários da terra e cidadãos brasileiros. Não como animais que podem ser exterminados à toa. Ou o Brasil quer cometer um genocídio?

FA — Uma última pergunta: Qual foi o momento mais bonito da travessia?

Nehb — Depois que eu perdi o contato por rádio em consequência de uma ventania que me quebrou a antena transmissora, não podia mais me comunicar com as estações alemãs que me davam indicações e me distraíam da síndrome da solidão. Este foi o período mais difícil da viagem. Eu estava treinado para a economia de mantimentos e a sobrevivência com o mínimo de necessidades biológicas. Mas, e a cabeça? Pois bem, depois de muitos dias sem contato com ninguém, avistei um navio enorme. Com a ajuda de um walkie-talkie, esses aparelhinhos com os quais se faz câmbio de média distância, fiz-me reconhecer por eles, até para que não passassem por cima de mim. O navio era russo e o capitão falava tão animadamente comigo e me fazia perguntas, que não podia conter a curiosidade. Perguntei-lhe o porquê de tanta alegria. Os russos que tinha em memória eram sempre muito carrancudos. Ele me respondeu bem humorado que desde Gorbachev os russos tinham se tornado todos muito brincalhões. Antes que o contato fosse interrompido, toquei-lhe uma melodia russa de que me lembrava, na gaita de boca que possuía no barco. Este foi o momento mais humano da viagem. Percebi que ele se emocionara e me convenci mais uma vez que política não é a única forma de se fazer presente e ativo.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Tarde

Class.: 780

Data: 10.12.88

Pg.: _____

Nehb — Não se pode obrigar ninguém a desprezar ouro. Além do mais porque o ouro é comprado por firmas estrangeiras e pago em moeda forte. Por isso repito que a responsabilidade pelos índios da Amazônia não é só brasileira, mas mundial. Garimpeiros não são criminosos profissionais, sei disso. São pobres coitados que nada conseguiram nas cidades e tentam por isso a sorte na busca do ouro. Algum dia, os índios serão de uma forma ou de outra engolidos pelo Capital. A História quer assim. Mas não é ético não lhes dar a chance de preparar-se lentamente para tal. Minha proposta é que lhes seja dada a chance à vida e à readaptação numa nova vida. Exterminá-los como bois é crime. Por isso defendo uma transferência do trabalho garimpeiro para áreas já determinadas para o garimpo. Há ouro suficiente em áreas sem tribos originais. E dentro dos próximos 30 a 40 anos se acharia uma solução não violenta para a questão. Sem dúvida, mesmo que Sarney prometa a criação de um parque indígena, um próximo presidente diria que o Brasil precisa de urânio e — pronto — já era. A questão é preservar o máximo de tempo possível para dar chance à vida.

FA — E a questão internacional?

Nehb — Meu próximo objetivo é falar com o presidente do Banco Mundial em Washington, numa ação igualmente sensacional e espetacular. Faço questão de ser utópico, é melhor que não fazer nada e só filosofar. Ao presidente proporei o corte de dívidas brasileiras em troca de oxigênio. Se pensarmos que oxigênio também pode ser mercadoria, o Banco Mundial poderia cortar dívidas brasileiras em troca da preservação de cada vez mais hectares de terra verde, fundamental para a sobrevivência futura de toda a Humanidade. Não fui eu que inventei isso. A Costa Rica já assinou o corte de parte de suas dívidas em troca da garantia e do compromisso de seu governo de não desmatar as reservas naturais. A Alemanha tem um papel importante no Banco Mundial. Em encontros com representantes de bancos alemães, alguns deles credores do Brasil, recebi sinais afirmativos no sentido de aceitar oxigênio, ou seja, a preservação dos pulmões do mundo, como pagamento de créditos. É uma idéia nova, mas que vai tomar corpo num futuro próximo, quando a situação extrema de destruição do meio ambiente tornar a Natureza tema mais importante que a balança de exportações. Atualmente se vende madeira e ouro como mercadoria e, é claro, eu também não deixaria de ganhar dinheiro, se pudesse, com isso; mas é importante reconhecer que também é possível ganhar dinheiro preservando e dizendo: pela preservação de tantos e tantos hectares de floresta, exigimos tanto. Parece brincadeira, mas as florestas na Europa já foram totalmente desmatadas, nos Estados Unidos a situação não é melhor, ou seja, esses países, atualmente credores, precisarão, no futuro de energias que lhes faltam.

FA — Diz-se que o oxigênio e a energia solar serão as energias do futuro.

Nehb — Exato, exato, e nada de rir disso. Na idade média, quando o primeiro chegou dizendo que a riqueza não seria mais a terra e o feudalismo, mas o sistema monetário, todo mundo riu. O que? Papel valendo tudo? E o que temos agora? De que é feito aquilo para que tanto trabalhamos?

FA — Como foi a recepção no Brasil? A reação do presidente Sarney?

Nehb — Não pude entrar no Palácio do Planalto porque não tinha terno e gravata, aí achei solução melhor. Vesti-me de militar. Ninguém me pergun-

tou nada e eu passei direto. Só na antecâmara do presidente é que fui barrado. Seus secretários me informaram que o presidente considerava minha ação muito democrática e uma realização de grande valor desportista, mas que não seria possível receber-me oficialmente. Dirigi-me então à Funai. Entreguei-lhes minha carta-apelo. Mas isso só foram formalidades. Na verdade, o que eu queria, já havia conquistado: alívio. Numa audiência geral, toda a imprensa brasileira — e em horário nobre, como se diz — ajudou-me a tornar os brasileiros um pouco mais conscientes. E minha ação não termina aí. Em breve pretendo vender a padaria e dedicar-me de todo ao meio ambiente. É um bom projeto de aposentadoria para um homem de 50 anos que nunca deixou de ser jovem.

FA — Há apoio nesse sentido?

Nehb — A televisão alemã me ajudará a rodar um filme sobre a questão Yanomami. E o canal ZDF é o maior da Europa.

FA — Você conhece outros territórios indígenas? O Xingu, por exemplo?

Nehb — Sem dúvida, mas no Xingu não há necessidade de ajuda externa. Os índios estão integrados, mesmo nos processos de consciência étnica, entendem-se como povo e podem defender-se sozinhos. Este não é o caso dos Yanomamis. Estes são estruturados completamente fora de nossos padrões. São um povo antigo e original. Meu desejo é na verdade que lhes seja dada a chance de um dia tornar-se como seus companheiros do Xingu. Índios que sabem que são minoria num mundo branco, mas que ainda se impõem de uma maneira ou de outra. Pra o Brasil, a preservação consequente de grupos indígenas não é nada novo. E o Xingu está aí para provar. Não se deve isolar os índios totalmente como num zoológico, pelo contrário, deve-se prepará-los para a evolução irrefreável do chamado processo civilizatório. Mas judicialmente, os índios ainda "selvagens" têm pleno e total direito de ser vistos como proprietários da terra e cidadãos brasileiros. Não como animais que podem ser exterminados à toa. Ou o Brasil quer cometer um genocídio?

FA — Uma última pergunta: Qual foi o momento mais bonito da travessia?

Nehb — Depois que eu perdi o contato por rádio em consequência de uma ventania que me quebrou a antena transmissora, não podia mais me comunicar com as estações alemãs que me davam indicações e me distraíam da síndrome da solidão. Este foi o período mais difícil da viagem. Eu estava treinado para a economia de mantimentos e a sobrevivência com o mínimo de necessidades biológicas. Mas, e a cabeça? Pois bem, depois de muitos dias sem contato com ninguém, avistei um navio enorme. Com a ajuda de um walkie-talkie, esses aparelhinhos com os quais se faz câmbio de média distância, fiz-me reconhecer por eles, até para que não passassem por cima de mim. O navio era russo e o capitão falava tão animadamente comigo e me fazia perguntas, que não podia conter a curiosidade. Perguntei-lhe o porquê de tanta alegria. Os russos que tinha em memória eram sempre muito carrancudos. Ele me respondeu bem humorado que desde Gorbachev os russos tinham se tornado todos muito brincalhões. Antes que o contato fosse interrompido, toquei-lhe uma melodia russa de que me lembrava, na gaita de boca que possuía no barco. Este foi o momento mais humano da viagem. Percebi que ele se emocionara e me convenci mais uma vez que política não é a única forma de se fazer presente e ativo.